

Lula acalma os militares: “Não vou radicalizar”.

Luís Inácio Lula da Silva disse ontem a 31 jornalistas estrangeiros que o entrevistavam que, se eleito, não pretende gerar qualquer expectativa de salvação nacional. Lula foi sabatinado logo depois de receber o que qualificou como “prêmio máximo da militância em partidos pobres” — o troféu “Porcolino”, instituído pelo Movimento de Revalorização do Cambuci e ofertado ao candidato que mais sujou a cidade durante a campanha. “Nós merecemos esse Porcolino”, concordou Lula. “Nada pode sujar mais a cidade que a poluição econômica dos outros candidatos. Se não houvesse a nossa brava militância, não poderíamos competir com a superioridade dos outros candidatos.”

Já na entrevista, um repórter estrangeiro quis saber como Lula administraria a reabertura dos processos contra os militares se desestabilizar a situação interna do País. Lula foi rápido: “Não tenho nada contra os militares.

Meu interesse não é radicalizar”. E arrematou: “É preciso distinguir Forças Armadas e militarismo de grupo do governo contra problemas internos com objetivos políticos. Não se preocupem. Temos a exata dimensão do peso dos militares na América Latina e, principalmente, no Brasil”.

Uma outra pergunta tratou dos planos para os primeiros 100 dias. “Ninguém faz nada em 100 dias”, rebateu Lula. “Espero em 90 poder mostrar ao povo uma radiografia do Brasil.” Governar com um Congresso adverso foi a questão de outro jornalista. “Não tenho medo de oposição”, disse Lula. “A população sabe que muitos deputados foram eleitos por um golpe chamado Plano Cruzado. Mas espero contar com a sociedade civil para a aprovação das medidas de emergência que pretendo tomar.”

Sobre a negociação da dívida externa, Lula disse que tentará uma solução conjunta envolvendo os países devedores da América

Latina. “Por que os sete países ricos podem ficar reunidos discutindo nosso destino isoladamente? Os sindicalistas precisam discutir as questões da dívida, também.” Lula falou em estabelecer uma relação trabalhista com os países ricos: “Em recente congresso sobre a dívida externa patrocinado pela CUT, em Campinas, foi discutida a idéia de se conseguir uma solidariedade internacional dos sindicatos dos países desenvolvidos.”

Uma outra pergunta foi feita por um correspondente de um jornal norte-americano, que materializou o temor de alguns diplomatas em relação às pessoas que estão por trás de Lula e que são classificados como “esquerda brava”. “Os diplomatas acham você até bonzinho, da esquerda light...”, ensaiou o repórter. Lula não esperou o final da pergunta — e respondeu rápido: “Não existe nada mais bravo neste país do que a classe trabalhadora. Os diplomatas deveriam ficar preocu-



César Diniz/AE

Lula e o “Porcolino”. Para ele, um prêmio à militância. Agora, falta Collor receber o “Pinóquio”.

pados quando a direita quisesse entrar na nossa Frente Brasil Popular”. Para ele, “ninguém aqui é mais nacionalista que os trabalhadores”.